

**MESA**  
21 NOV  
14H – 16H

**FAKE NEWS, CULTURA DE MASSA E LINGUAGEM: O PAPEL DO  
TEXTO E DO DISCURSO**

Coordenação: Débora Mazza (FE/UNICAMP)  
Participantes: Vinicius Romanini (ECA/USP), Anna Christina Bentes  
(IEL/UNICAMP), Paulo Segundo (USP), Adrián Pablo Fanjul (USP)

**RESUMO I**

**O CONTRIBUTO DE PAULO FREIRE E A ESCOLA SEM PARTIDO**

Profa. Dra. Débora Mazza

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de  
Educação (FE), Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Políticas, Educação e  
Sociedade (GPES). Email: dmazza@unicamp.br

A intervenção tem por objetivo analisar princípios que comparecem nas obras de Paulo Freire e traça um paralelo com os princípios defendidos pelo Projeto de Lei Escola sem Partido. Explora a abordagem político-pedagógica do autor, o pressuposto da educação como processo de recuperação de humanidades emancipadas, a metodologia dos círculos de cultura, o trabalho do professor pautado numa ação pedagógica como prática da liberdade e o exercício de problematização visando a conscientização dos sujeitos e a passagem dos educandos de um estado de imersão anestesiada na realidade para um estado de emergência e inserção crítica nas dinâmicas do real. Em contraponto, apresenta o processo de tramitação no Congresso Nacional do Projeto de Lei que se tornou conhecido como Escola Sem Partido e desenvolve os princípios que o fundamentam (BOLSONARO, PL7180/2014). Ancorado na crítica aos Artigos 2º e 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996 e no Código de Defesa do Consumidor, o Projeto propõe a precedência da ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa. Analisa criticamente: os argumentos do aluno como audiência cativa do professor, a acusação da ocorrência de doutrinação política e ideológica em sala de aula, a denúncia da existência de disciplinas que colocam em conflito as convicções morais e religiosas dos estudantes e seus pais e o cerceamento à liberdade de consciência imposta aos estudantes por meio de técnicas subliminares e temas transversais trabalhados pelos professores. O artigo analisa comparativamente

os dois referenciais e sugere que os ataques a Paulo Freire e sua influência no campo educacional se aglutinam em torno de um modelo de educação, presente em sua obra, que concebe a instituição escolar como um espaço de sociabilidades múltiplas e plurais, entre diferentes e desiguais, público, gratuito, laico, financiado pelo Estado republicano sob influência da racionalidade científica, secular, ancorado na profissionalização do professorado e na ideia de educação como um bem comum. O Projeto Escola sem Partido defende a primazia do poder da família, da esfera privada, da liberdade de escolha dos pais e do fortalecimento da formação moral e religiosa das crianças e dos jovens. Para tanto, ganha destaque as fake news e as estratégias discursivas de delação e desqualificação da profissão do professor e o ataque a escola pública como espaço de construção de cidadanias igualitárias.

**RESUMO II**

**UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA-SEMIÓTICA PARA O PROBLEMA DAS FAKE NEWS**

Márcia Pinheiro Ohlson (USP), Anderson Vinicius Romanini (USP)

Como podemos definir fake news? Podemos dizer que “mentira”, “notícia falsa” ou “desinformação” são seus sinônimos? A julgar pela confusão em torno do termo, observamos uma dificuldade da epistemologia tradicional da comunicação em lidar com problemas complexos que emergem nas redes sociais digitais. Este artigo busca encontrar uma definição própria de fake news que dê conta do contexto no qual o fenômeno emerge e ir além. Buscamos encontrar nos ensinamentos do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce, do filósofo da linguagem John L. Austin e do filósofo da teoria crítica Walter Benjamin, caminhos para um avanço em direção à compreensão e, por que não, à erradicação do problema. A partir da semiótica e do pragmatismo de Peirce, entendemos fake news como símbolos proposicionais que procuram expressar a informação de um estado de coisas de mundos possíveis (não reais) usualmente criados ficcionalmente e compartilhados por comunidades de intérpretes que desenvolvem e compartilham argumentos e narrativas para alcançar propósitos político-ideológicos bem definidos. Dessa forma, nos distanciamos da concepção correspondencial de verdade para enfatizar a

## fake news e linguagem

concepção pragmática, ou seja, a verdade sobre um estado de coisas é aquilo que seria idealmente representando num símbolo desenvolvido por meio da experiência compartilhada por uma comunidade ideal de interpretantes, com recursos e tempo ideais para inquirir sobre sua fundamentação. Para fundamentar essa posição, vamos mostrar as diferentes maneiras de alcançar a crença na verdade expostas por Peirce, mostrando justamente que os símbolos fake news são produzidos pelas três formas não científicas de busca da verdade, pois elas não têm compromisso com a representação do real. Assim, criticamos as definições de fake news a partir do conceito de informação (por exemplo, desinformação e outras palavras cognatas). Aqui seguimos a lição de Benjamin em seu antológico ensaio sobre a reprodutibilidade da obra de arte: assim como a reprodutibilidade técnica alterou o conceito de arte, as técnicas digitais de difusão de conteúdo por meio das redes sociais, em especial pelo uso do Big Data e da inteligência artificial, alterou profundamente o conceito de notícia jornalística, sendo as fake news um subproduto desse processo de deslocamento. Por fim, defenderemos, a partir da obra de Austin, que fake news devem ser entendidas como atos de fala plenos, com dimensões sintáticas, semânticas e pragmáticas. A sintaxe é dada pela lógica dos memes, a semântica é dada pela representação de mundos fictícios (“mentirosos”), e a pragmática é dada pela busca de consequências e efeitos gerais no público-alvo para o qual a fake news se dirige. A felicidade do ato de fala a que uma fake news corresponde é justamente a de conseguir produzir uma crença na comunidade de intérpretes (ou seja, uma opinião pública) que produza ações na realidade. Assim, cria-se uma perigosa distopia: falsos mundos possíveis criados de forma maliciosa, e representados simbolicamente pelas fake news, distribuídos como memes difundidos massivamente nas redes sociais por meio de métodos avançados de computação passam a ser formas potentes de influência na formação da opinião pública, inclusive sobrepujando o discurso científico e impactando diretamente na história do mundo real. Num momento criticamente perigoso da civilização, a felicidade pragmática dos fake news produz efeitos trágicos e, talvez, irreversíveis para a sobrevivência de nossa espécie.

Palavras-chave: Fake news. Semiótica. Pragmatismo. Filosofia da Linguagem. Big Data.

RESUMO III

**FAKE NEWS E PRODUÇÃO DOS SENTIDOS: O TEXTO ALÉM DO TEXTO NO CONTEXTO DAS GUERRAS HÍBRIDAS**

Anna Christina Bentes (UNICAMP)

Um dos pressupostos do campo de estudos do texto é o de que os textos necessariamente emergem em determinados contextos. No caso das fake news, seus contextos mais amplos de emergência parecem ser o de (i) polarização de visões de mundo; (ii) guerra híbrida e (iii) possibilidade de disseminação rápida, via grandes plataformas de assuntos considerados urgentes, sensacionais e/ou de grande interesse. Participar das atividades de elaboração e de circulação/divulgação de fake news pode se constituir em uma distinção porque possibilita o acúmulo de pelo menos dois tipos de capital: o social, dado que esses grupos, em geral, vinculam-se a movimentos conservadores e muito poderosos do ponto de vista político e econômico e dado que se profissionalizam, constituindo assim o grupo seletivo de experts na produção de um determinado gênero textual que “guia” as massas de pessoas por caminhos improváveis, para dizer o mínimo; e o econômico, dado que a produção de fake news é uma atividade altamente rentável, na verdade, um modelo de negócios das plataformas digitais. Nessa comunicação pretendo explorar duas teses relativamente a essas questões. A primeira pode ser formulada da seguinte forma: há uma sensação de empoderamento experimentada pelos usuários quando percebem que podem ser uma fonte relevante de informação. Nesse caso, o que conta é o poder de se influenciar outras pessoas, uma vontade historicamente legítima das classes subalternas. A segunda tese é a de que os que lêem e repassam fake news, além de não se questionarem sobre os conteúdos descompromissados com qualquer ideia de factualidade, usam os textos que recebem como instrumentos de uma guerra, na qual posicionam-se como soldados dispostos a executar uma de suas principais tarefas: acuar e humilhar o inimigo, antes de destruí-lo. Nesse sentido, é possível afirmar que o compartilhamento de textos de natureza fake não é feito considerando critérios de leitura e de circulação/divulgação de textos desenvolvidos no interior do campo escolar, acadêmico ou científico. Esses critérios estariam sendo mobilizados a partir das lógicas de dois outros campos: o jornalístico, mais especialmente, o jornalismo sensacionalista, e o campo político, agora fortemente

regido por lógicas de guerra. Nos dois casos, o compromisso com algum horizonte de verdade e com os processos de construção de empatia pela diferença radical encontram-se suspensos. Como consequência, estratégias de negociação ou mesmo de crítica em relação aos sentidos sociais produzidos pelos textos também são suspensas. Nesses contextos, ler e divulgar o que se lê são ações que podem ser concebidas em duas direções complementares: na direção do sentido de identificação do sujeito com uma comunidade imaginária coesa na qual os mesmos valores sociais são compartilhados; e na direção de poder participar de atos de força de subjugação simbólica do inimigo.

Palavras-chave: fake news; sentidos sociais; texto; produção textual; compreensão textual.

#### RESUMO IV

#### QUANDO FAKE NEWS SE ARTICULAM A DISCURSOS DE EXCLUSÃO: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo

Universidade de São Paulo, Doutor, paulosegundo@usp.br

Nosso objetivo, nesta apresentação, é promover um debate teórico sobre a articulação entre fake news e discursos de exclusão no cenário sociopolítico brasileiro contemporâneo para, posteriormente, discutir possíveis encaminhamentos metodológicos para realizar esse tipo de investigação e análise. Para dar conta de tal proposta, partimos de uma articulação multidisciplinar norteada, em um plano, pelos objetos de estudo – as fake news e os discursos de exclusão, dentre os quais podemos incluir o discurso de ódio, a sua forma mais extremada –, e, em outro plano, pela natureza sociosemiótica da própria prática em investigação. Em consequência disso, tomamos como base para a discussão sociosemiótica os pressupostos da perspectiva faircloughiana dos Estudos Críticos do Discurso, considerando seus desdobramentos recentes (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2003; Resende & Regis, 2017; Gonçalves-Segundo, 2018). Daremos especial atenção à concepção de prática discursiva (Gonçalves-Segundo, 2018), o que envolve os processos de produção, distribuição, consumo e interpretação de textos, e à teorização acerca da articulação

entre modos de representar (discursos) e de agir (gêneros). Para uma discussão epistemológica e metodológica sobre fake news, dialogaremos com o quadro recente que vem se delineando no âmbito dos Estudos da Comunicação e do Jornalismo sobre o tema, que perpassa discussões sobre manipulação de informações, credulidade e confiabilidade (Berkowitz & Schwartz, 2016; Warble, 2017; Tandoc Jr., Lim & Ling, 2018; Brites, Amaral & Catarino, 2018; Barclay, 2018). Consideramos central nessa discussão o enquadramento conceitual de Warble (2017), que entende as fake news como práticas associada à desordem informacional e suas subcategorias (dis-information, mis-information e mal-information). Por fim, para o debate sobre discursos de ódio e de exclusão, considerando o caráter dinâmico e instável dos processos de hegemonia, tomaremos como norte a epistemologia crítico-discursiva (van Dijk, 2015; Fairclough, 2003; Wodak, 2017) e a sociológica, em termos de reconhecimento (Herzog, 2013; Souza, 2018). O corpus analisado, que será ilustrativo para o enquadramento teórico-metodológico proposto, é composto por textos publicados ou compartilhados em redes sociais digitais, como Facebook, Twitter e WhatsApp, considerados falsos pelas agências especializadas em checagem de fatos, como a Agência Lupa e a Aos Fatos.

Palavras-chave: Fake news; Discurso de exclusão; Prática discursiva; Rede social; Desordem informacional.

## RESUMO V

### ENTRE O “FAKE” E O DESAPEGO: DETERMINAÇÃO E COORDENADAS DA ENUNCIÇÃO

Adrián Pablo Fanjul (USP/CNPq)

O desenvolvimento das redes sociais, fundamentalmente Facebook e Whatsapp, deu lugar a modos de reprodução e circulação de enunciados da mídia que ensejam uma relação com as coordenadas da enunciação diferente da que propiciava a mídia digital antes da possibilidade de compartilhamento. Dentre as variadas consequências dessas mudanças nos suportes da materialidade discursiva, exploraremos, nesta comunicação, três formas. Uma delas tem a ver com a temporalidade: a reprodução, como se fosse

de último momento, de uma matéria, pelo geral do gênero notícia, que em verdade é anterior em dias, meses e até anos. A segunda é a determinação opaca do sintagma nominal em títulos principais, com efeitos de referência a um alcance de indivíduos dentro de uma mesma classe menos restrito do que informa o corpo da matéria, ou ainda a possível atribuição equívoca de um predicado a algum ou alguns desses indivíduos. A terceira é o próprio epígrafe colocado pelo enunciador que compartilha e o modo de leitura que ele antecipa.

Analisamos um conjunto de casos no compartilhamento de matérias no Brasil e na Argentina, a partir de posicionamentos ideológicos diversos. Tentamos uma reflexão que interrogue o que esse tipo de compartilhamento indica sobre as formações imaginárias acerca dos interlocutores e dos objetos de discurso.

Palavras-Chave: fake news; redes sociais; determinação linguística